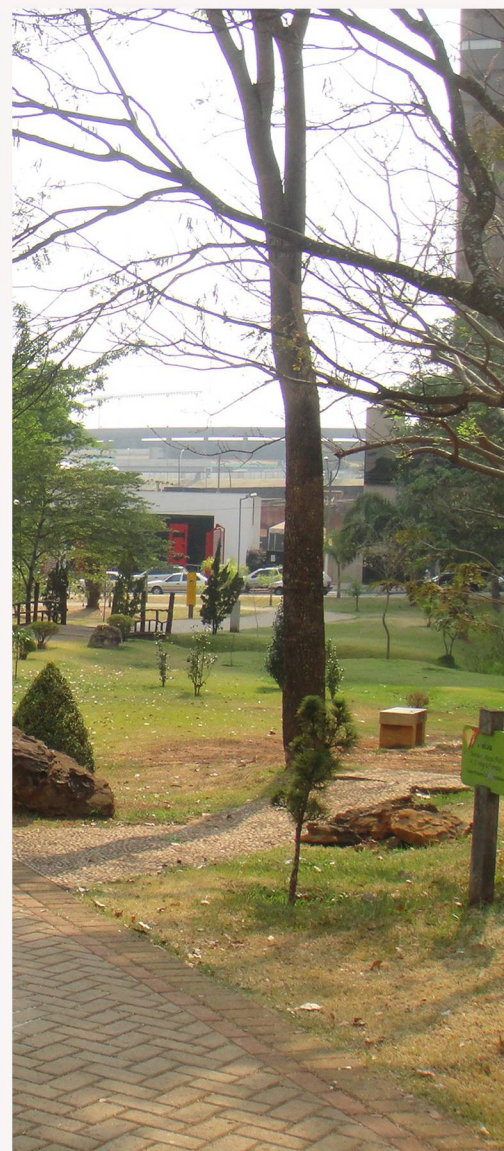
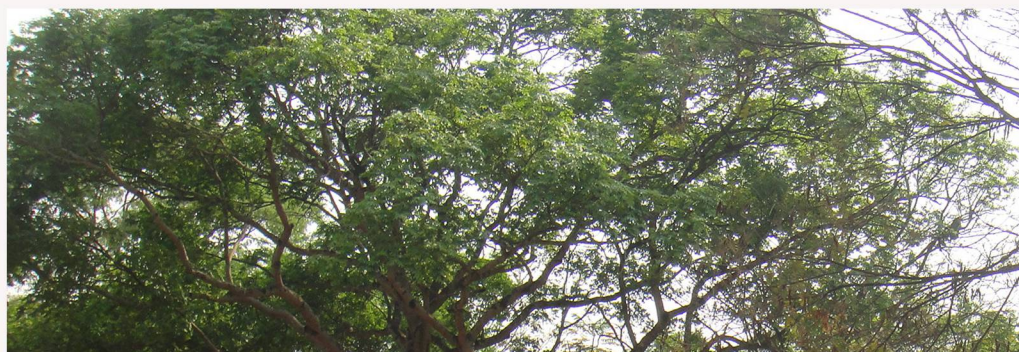


RELATÓRIO 4

PARQUE FLAMBOYANT



CAU/GO

Conselho de Arquitetura
e Urbanismo de Goiás

REALIZAÇÃO

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DE GOIÁS – CAU/GO

PRESIDENTE

John Mivaldo da Silveira

CONSELHEIRO FEDERAL TITULAR

Arnaldo Mascarenhas Braga

CONSELHEIRO FEDERAL SUPLENTE

Daniel Dias Pimentel

CONSELHEIROS ESTADUAIS TITULARES

Alexandre José Perini

Aluízio Antunes Barreira

Anamaria Diniz Batista

Diogo Antônio da Paixão

Érico Naves Rosa

Fernando Camargo Chapadeiro

Gledson Rodrigues do Nascimento

Marcos Aurélio Lopes Arimatéa

Maria Eliana Jubé Ribeiro

CONSELHEIROS ESTADUAIS SUPLENTE

Álvaro Fernandes de Oliveira

Bráulio Vinícius Ferreira

Carla Rosana Azambuja Herrmann

Fernando Carlos Rabelo

Frederico André Rabelo

Leônidas Albano da Silva Júnior

DIRETOR GERAL

Edinardo Rodrigues Lucas

SECRETÁRIA GERAL

Rita Helena Muniz Mendes

GERENTE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Isabel Barêa Pastore

Responsável Técnica

CAU N° 33221-6

RRT N° 991314

PARCERIA

DELEGACIA ESTADUAL DE REPRESSÃO A CRIMES CONTRA O MEIO AMBIENTE – DEMA

DELEGADO
Luziano Severino de Carvalho

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC GOIÁS

REITOR
Wolmir Therezio Amado

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE ARTES E ARQUITETURA
Roberto Cintra Campos

COORDENADOR DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO
Frederico André Rabelo

PROFESSORA DA DISCIPLINA DE PAISAGISMO
Susy Sueli Pereira Simon

DIRETOR DO INSTITUTO DO TRÓPICO SUBÚMIDO
Altair Sales Barbosa

PROFESSORA DO INSTITUTO DO TRÓPICO SUBÚMIDO
Marilda Ribeiro

APOIO

PREFEITURA MUNICIPAL DE GOIÂNIA

PREFEITO MUNICIPAL
Paulo Garcia

PRESIDENTE AGÊNCIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE
Pedro Wilson Guimarães

CONSULTORIA

AQUALIT TECNOLOGIA EM SANEAMENTO S/S LTDA

DIRETOR
Wanderley Elias Perez

GERENTE TÉCNICO
Cassiano Pacheco Silva

GERENTE DA QUALIDADE
Thaissa Machado Elias

ANALISTA
Fabício Faria Costa
CRQ XII 121/10

RESPONSÁVEL TÉCNICA
Cláudia Martins
CRF 2413

HISTÓRICO

O Parque Flamboyant foi criado junto com a aprovação do parcelamento da gleba pelo Decreto Nº 18, de 22 de setembro de 1950. Mais tarde o decreto em questão foi ratificado pelo Decreto Nº 655, de 15 de outubro de 1981, que aprovava o remanejamento do Setor Jardim Goiás e criava o “Parque F”. Já a área conhecida como “Automóvel Clube de Goiás” foi tombada por meio do Decreto Nº 158, de 24 de janeiro de 2000.

De acordo com os dados constantes no Plano de Manejo do Parque Flamboyant, elaborado pela Agência Municipal de Meio Ambiente – AMMA em 2007, o antigo Automóvel Clube, localizado entre o Estádio Serra Dourada e o Flamboyant Shopping Center, na saída sul de Goiânia, foi fundado em 10 de junho de 1962 por intelectuais e políticos goianos.

O clube ocupava uma área de 87.332 m² e vinha sofrendo constantes ações de vândalos e especuladores imobiliários devido à sua localização numa região de expansão comercial. Essas ações acabaram destruindo cerca de 40% da área verde original do clube e poluindo as nascentes nele inseridas. Com todos esses problemas, o Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental de Goiânia solicitou o tombamento da área. O decreto de Nº 158, de 24 de janeiro de 2000, aprovou o tombamento.

Posteriormente a diretoria do Clube procurou a Prefeitura e a Câmara Municipal com o objetivo de solicitar apoio para a realização do reflorestamento transformou a área em um Parque com infraestrutura completa. No dia 19 de março de 2004 foi formalizada entre os requerentes doadores e o Município de Goiânia a doação da área de 87.332,00 m², situada no Setor Jardim Goiás, que agregava outras áreas adjacentes dando origem ao “Parque Flamboyant”.

Na aprovação do projeto original do Jardim Goiás, de 1950, foram destinadas duas áreas públicas localizadas ao longo do curso d’água identificado como Córrego Sumidouro. Com o remanejamento do Jardim Goiás, as duas áreas do projeto original juntaram-se formando apenas uma, que hoje compõe o Parque Flamboyant, com área total de 141.872,08 m².



Figura 1- Imagem aérea do Parque Flamboyant - 1968

Fonte: Arquivo SEPLAM

No processo de implantação do Parque e construção de edifícios na quadra 31, veio à tona a nascente do Córrego Sumidouro, que extrapolava a área destinada ao Parque, motivo que incentivou o redimensionamento da área. As imagens aéreas abaixo mostram a evolução da área do Parque, de 1968 até 2010.

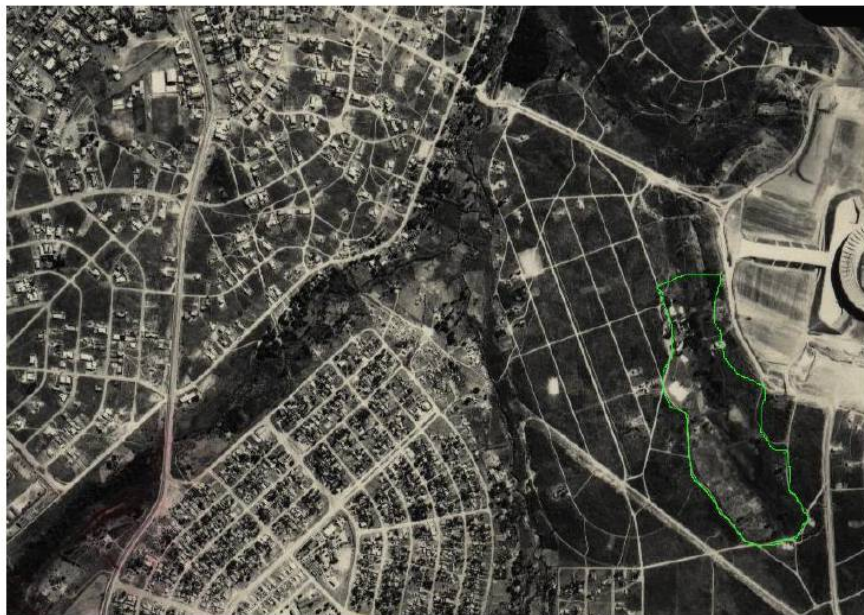


Figura 2- Imagem aérea do Parque Flamboyant - 1975

Fonte: Arquivo SEPLAM

Durante um longo período a área do Parque se manteve fechada e preservada. O seu entorno foi gradativamente ocupado, principalmente por edificações residenciais sendo que, na faixa mais ao norte, próximo ao estádio Serra Dourada, aconteceu uma ocupação irregular realizada pela população de baixa renda.



Figura 3- Imagem aérea do Parque Flamboyant - 1986

Fonte: Arquivo SEPLAM

O registro da evolução dos parcelamentos no entorno da área do Parque e o adensamento da malha urbana ao longo do tempo mostram a intensificação do processo de verticalização após a implantação do Parque Flamboyant.

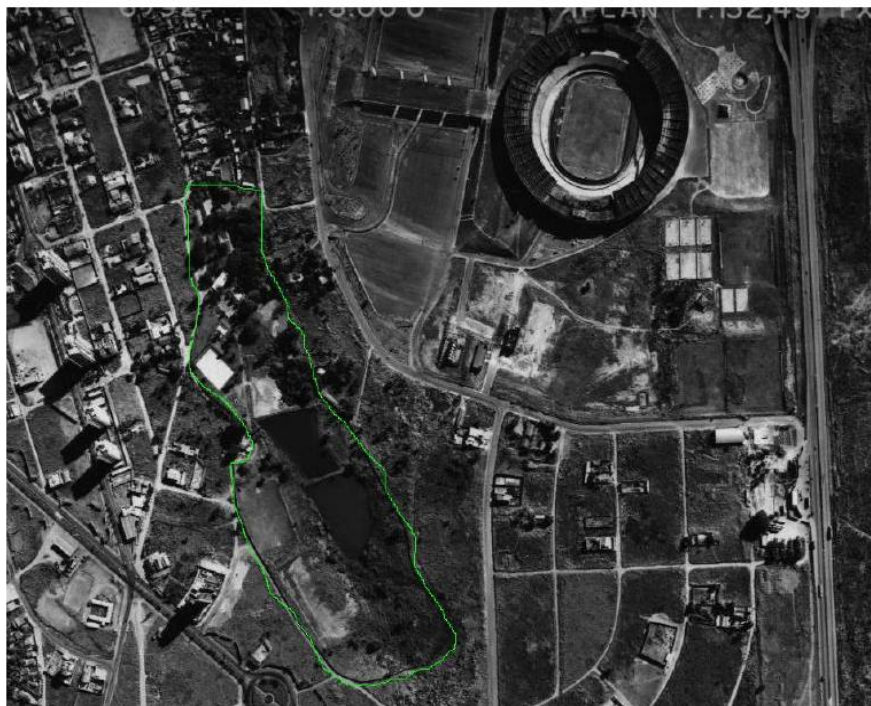


Figura 4- Imagem aérea do Parque Flamboyant - 1991
Fonte: Arquivo SEPLAM

Ainda sobre o entorno, observa-se que ultrapassando os 100 metros imediatos ao Parque estão instalados grandes empreendimentos, como o Shopping Flamboyant, Carrefour Sul, Supermercado Wall-Mart, Estádio Serra Dourada, Home Center Tend Tudo, além de um número significativo de concessionárias de veículos, restaurantes e outros tipos de comércio vicinal.

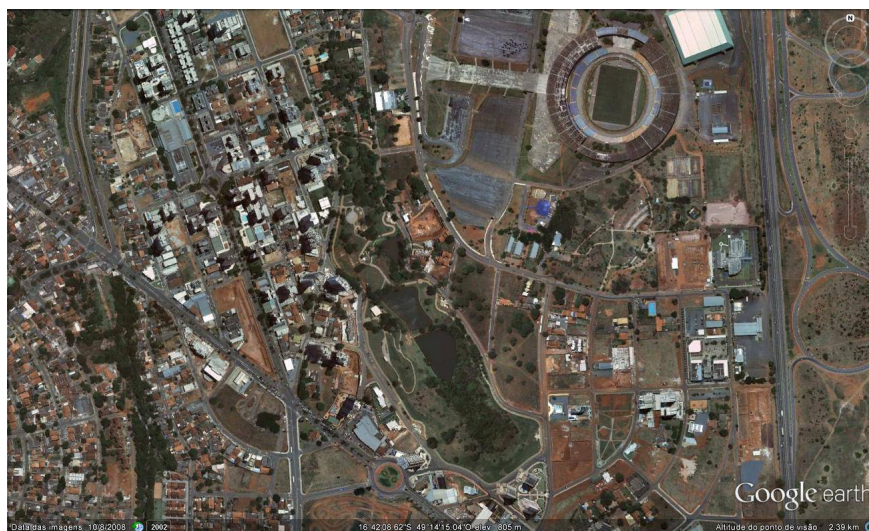


Figura 5- Área do Parque Flamboyant - 2010
Fonte: www.google.com.br

As quadras lindeiras a área do Parque, anteriormente ocupadas com edificações de caráter residencial entre um e três pavimentos, hoje estão totalmente ocupadas por edifícios luxuosos de múltiplos pavimentos que chegam a apresentar mais de trinta andares. Conforme pesquisa de mercado realizada nos stands de vendas instalados no entorno do Parque, o valor médio de um apartamento na região é de R\$ 500 mil.

LOCALIZAÇÃO

O Parque Municipal Flamboyant localiza-se no setor Jardim Goiás, na região Sul de Goiânia, entre as Ruas 46, 15, 12, 55, 56, 73, 58 A e avenida H, área pertencente a antiga Fazenda Botafogo.

PÚBLICO

O Parque Flamboyant é frequentado, durante a semana, por moradores jovens da região que utilizam a área para a prática de esportes, pelo público idoso e por mães e babás com crianças que passeiam pelo local.



Figura 6 – Área de eventos.
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.



Figura 7 – Passeio de alunos da rede pública.
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.

Nos finais de semana o Parque recebe moradores de várias regiões da cidade que utilizam o espaço para o lazer e a prática de esportes. O público observado neste período é constituído principalmente por famílias que levam brinquedos para o Parque.

Outro público observado é composto por grupos de jovens que frequentam o local para realização de piquenique e rodas de música. O Parque também é visitado diariamente por turistas e alunos das escolas públicas e privadas da cidade.

Além disso, o Parque Flamboyant é frequentemente utilizado para realização de eventos promovidos pelo poder público como shows, apresentações culturais e campanhas de vacinação entre outros, bem como por pequenos grupos autônomos como palhaços, malabaristas e músicos que se apresentam no local em busca de retorno financeiro.

COMPOSIÇÃO DA PAISAGEM

O projeto do Parque Flamboyant apresenta setorização das áreas de uso do público em áreas de prática de esportes, de convivência e contemplação e áreas restritas à preservação ambiental.

Sua composição paisagística é variada e composta por áreas de vegetação nativa situadas no entorno das nascentes, cursos d'água e áreas de vegetação exótica e ornamental situadas no entorno dos espaços de lazer e contemplação, como os lagos e playgrounds.



Figura 8 – Paisagem

Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.

As áreas preservadas e revegetadas formam grandes massas verdes distribuídas ao longo do Parque e intercaladas por jardins ornamentais, como é o caso do Jardim Japonês implantado no centro do Parque com espécies vegetais, pontes e lanternas características da arquitetura oriental. Nas áreas restritas ao público foram plantadas espécies agressivas e espinhosas como agaves e phoenix formando barreiras naturais à entrada dos visitantes.

As áreas de convivência estão ornadas com pérgolas cobertas por trepadeiras floridas e o entorno do lago está povoado com grupos de palmeiras nativas e exóticas. Das árvores plantadas no local podemos ressaltar a presença de espécies nativas como o Cega Machado, Sangra D'água, Ipê, Mutamba, Chichá, Embaúba, Guapuruvu, Angico, Jacarandá, Guapeva e Lixeira, Aroeira, Ingá, Jacarandá, Cássia e Ipês variados.

As linhas curvas que contornam o Parque, associadas às variadas massas vegetais, compõe uma bela e rica paisagem. No entanto, o Parque está ganhando um fechamento visual imposto pelos edifícios de grande porte que já são a maioria das edificações existentes no entorno da área.

Nas áreas revegetadas pela Prefeitura as árvores foram plantadas com uma distância média de 2,5 metros umas das outras em triangulação. Também foram encontradas várias espécies frutíferas como goiabeiras e bananeiras principalmente nas áreas próximas à nascente, plantadas por moradores da região, antes da criação do Parque.



Figura 9 – Paisagem

Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.

Além da nascente, existe no Parque Flamboyant uma área de brejo que se encontra parcialmente preservada, onde há um pequeno lago com cerca de 2 mil m². A mata vegetal natural remanescente encontra-se bem equilibrada e de certa forma bem representativa do cerrado.



Figura 10 – Ipê Amarelo.

Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.

Os plantios artificiais estão em pleno desenvolvimento mas, em alguns pontos da mata, principalmente na área próxima à nascente, os restos da poda da grama do Parque foram depositados soterrando a base dos troncos destas árvores. O problema desta prática é que o soterramento dos troncos pode trazer deterioração da camada externa, propiciando o surgimento de doenças.

MEIO AMBIENTE

De acordo com o Plano de Manejo do Parque Flamboyant (AMMA, 2007), o solo do Parque encontra-se quase totalmente descaracterizado. Onde primitivamente predominava o solo argilo-arenoso, rico em matéria orgânica (terra preta), atualmente pode-se verificar a introdução de material exótico, tanto pela ação das enxurradas, quanto em virtude do antropismo que ocorreu com muita intensidade, ao longo dos anos.

A introdução deste material exótico comprometeu bastante as nascentes do Parque, provocando o assoreamento e a introdução de lixo dentro dos dois lagos. No período de realização das obras para instalação do Parque, em agosto de 2006, foi realizada uma operação de retirada dos resíduos do local.

A nascente do Córrego Sumidouro, afluente do Córrego Botafogo, é um dos importantes elementos naturais que compõem o Parque Flamboyant. A área do entorno da nascente foi revegetada com espécies nativas durante a implantação do local. As árvores recebem adubação, controle de pragas e poda regular pela administração do Parque e apresentam bom desenvolvimento com alturas entre 2 a 15 metros de acordo com a espécie. Alguns trechos já começam a apresentar características de mata fechada e outros ainda se encontram com vegetação mais esparsa.



Figura 11 –Aspecto da Nascente do Córrego Sumidouro.
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.



Figura 12 – Área do entorno da nascente.
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.

Na região do entorno da nascente foram identificadas algumas palmeiras da espécie Buriti. Esta palmeira é nativa e característica de regiões de veredas do cerrado, uma feição mais úmida do bioma tipicamente encontrada em áreas de fundo de vale.



Figura 13 – Palmeira Buriti.
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.

Quanto à drenagem da região é preciso avaliar que no Plano de Manejo do Parque está delimitada uma zona de amortecimento que contorna todo o local e que se configura como área de transição entre o espaço preservado e a área urbana totalmente adensada.

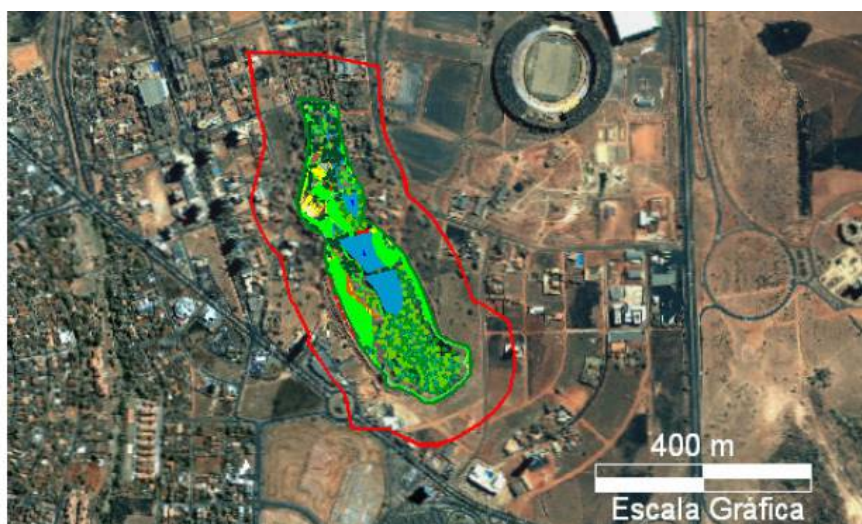


Figura 14 – Zona de amortecimento do Parque Flamboyant
Fonte: Plano de Manejo do Parque, AMMA, 2007.

A definição desta zona de amortecimento nos projetos de Parques urbanos tem como objetivo garantir a drenagem das águas nas áreas próximas às nascentes, para o reabastecimento do lençol freático tal como ocorre no meio natural intocado. Nesta zona, as áreas permeáveis precisam ser garantidas em maior porcentagem e a altura das edificações deve ser restrita propiciando a circulação dos ventos e a iluminação solar direta na área a ser preservada. Esta faixa lindeira ao Parque está hoje totalmente ocupada por altos edifícios.

Além destes fatores, é necessário avaliar que as áreas lindeiras às nascentes e aos corpos d'água são geralmente alagadiças ou brejosas com o lençol freático bastante raso, muitas vezes se apresentando a superfície, nos pontos de cota mais baixa. Contudo, no processo de ocupação do entorno do Parque, o que pode se verificar é a ocupação intensiva do solo com edifícios de grande porte, a maioria deles com altura entre sessenta e noventa metros (vinte a trinta andares).

Outro ponto a ser ressaltado é a impermeabilização total do solo que foi praticada em grande parte dos empreendimentos. Apesar do Plano Diretor de Goiânia (2007) definir a permeabilidade mínima em 15%, o instrumento possui um dispositivo que permite a impermeabilização total do solo, desde que sejam construídas caixas de drenagem para compensar. Neste aspecto, o problema instaurado com a ocupação do Parque Flamboyant é ainda mais grave se considerarmos que todos os edifícios instalados no entorno, possuem pelo menos um nível de subsolo.

Como parte dos empreendimentos ainda se encontram em fase de construção, é possível verificar que o lençol freático foi rebaixado em vários pontos para permitir a construção dos subsolos. Alguns dos impactos ambientais esperados com rebaixamento do lençol freático da região poderão ser sentidos gradativamente, como a redução da umidade do solo e a diminuição do volume de águas dos corpos hídricos locais que, no período da seca, já apresentam redução significativa das águas.



Figura 15 – Curso d'água com volume reduzido no mês de setembro.
Fonte: Isabel Pastore, 2012.

A água drenada na construção dos edifícios do entorno foi inicialmente despejada na via pública, conforme denunciado pelo jornal *O Hoje* em matéria do dia 5 de junho de 2012. Atualmente a água retirada dos solos é despejada diretamente nos corpos hídricos do Parque.



Figura 16 – Bica d'água seca período de estiagem.
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.

Após as denúncias, as construtoras e incorporadoras locais criaram um consórcio para realizar medidas mitigadoras com o objetivo de amenizar o problema da drenagem local. A proposta é criar várias caixas de drenagem na parte mais alta do Parque, região que antecede a nascente, para a percolação das águas de chuva que precisam infiltrar no solo a fim de reabastecer os corpos hídricos.



Figura 17 – Despejo de água na área do fundo de vale
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.



Figura 18 – Obras da vala de infiltração.
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.

Com a execução das obras das valas de infiltração, foram rompidas em vários pontos, as tubulações de irrigação do Parque. Por esse motivo, o sistema de irrigação foi temporariamente desligado e esta ação, aliada ao tempo quente e seco típico do mês de setembro no cerrado, tem afetado diretamente as árvores do local que já apresentam sinais de desidratação profunda.



Figura 19 – Obras da vala de infiltração.
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.

Outro problema causado pelas obras é o despejo da terra retirada das valas no entorno causando o soterramento da cobertura vegetal rasteira e de parte dos troncos das árvores existentes. Os impactos desta prática vão desde a perda das espécies rasteiras até o apodrecimento do tronco das árvores, por excesso de umidade e asfixia.

Além disso, o despejo de terra nas proximidades da nascente, pode promover o carregamento deste material para o leito do curso d'água durante o período das chuvas causam o assoreamento.



Figura 20 – Aterramento das áreas revegetadas no entorno da nascente.
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.

Embora não tenhamos tido acesso ao projeto das valas de infiltração para análise do dimensionamento e avaliação sobre a capacidade de drenagem das mesmas. O administrador do Parque Flamboyant afirma que o projeto foi elaborado por profissional habilitado e financiado pelo consórcio formado pelas construtoras que investiram na região.



Figura 21 – Solo lavado e soterrado.
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.

Em frente ao empreendimento em construção, na área norte do Parque, na área limdeira à construção das caixas de drenagem, o solo já apresenta aspecto lavado e soterrado. Aparentemente trata-se de solo hidromórfico característico de solo de brejo. Este tipo de solo requer manejo adequado para manutenção de sua aptidão ambiental.

Quanto a biodiversidade, pode-se observar que o Parque encontra-se totalmente isolado dos outros parques da cidade e não foi encontrada grande variedade faunística. Os representantes encontrados foram aves e insetos além de alguns peixes que foram inseridos artificialmente no lagos. Esta observação aponta para uma perigosa dinâmica da paisagem se entendida como uma equação de seres bióticos e abióticos, em inteira interdependência na manutenção das cadeias ecológicas do ambiente local.

No que se refere à circulação do ar e à insolação direta das áreas verdes, fatores indispensáveis à realização da fotossíntese pelas espécies vegetais locais e necessários à manutenção da boa qualidade do ar, a construção excessiva de edifícios no entorno do Parque Flamboyant também promove impacto significativo.

Em alguns trechos do Parque já é possível perceber o sombreamento de áreas vegetadas gerado pelo posicionamento dos edifícios na faixa imediata às ruas de acesso ao Parque e a diminuição dos ventos gerando uma situação de abafamento da área.

INFRAESTRUTURA E EQUIPAMENTOS



Figura 22 – Sede administrativa do parque.
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.

O Parque Flamboyant dispõe de sede administrativa com sala, banheiros públicos e bebedouro além de terraço para vigilância geral do espaço. O local conta também com mirante voltado para o lago, áreas de convivência com pérgolas e mesas, playground para diferentes faixas etárias, quiosques de lanche e área de ginástica com aparelhos ao ar livre.



Figura 23 – Mirante e Área de Lanche.
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.

Na parte central do Parque está situada uma praça de eventos com área coberta por uma pérgola e trepadeira. O mobiliário foi construído com eucalipto tratado e os espaços enriquecidos com brinquedos estão pavimentados com areia. No contorno do Parque estão instalados bicicletários e remansos para o estacionamento de veículos.



Figura 24 – Play Ground.
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.



Figura 25 – Mobiliário Urbano.
Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.

Os principais problemas de manutenção relatados pelo administrador do Parque Flamboyant são: o uso das áreas com vegetação mais densa por usuários de drogas; o vandalismo cometido que tem como alvo de suas ações principalmente a vegetação e os equipamentos dos parquinhos; o excesso de lixo jogado nos lagos, playgrounds e outras áreas do Parque e a sujeira deixada pelos animais domésticos que circulam no local.



Figura 26 – Bicletário.

Fonte: Isabel Pastore, setembro de 2012.